

HELOÍSA E ABELARDO: DIÁLOGOS SOBRE O AMOR, A POLÍTICA E O DIREITO

*Daniela de Freitas MARQUES**
*Ana Célia Passos PEREIRA CAMPOS***

RESUMO

Trata-se da história de amor entre Heloísa e Abelardo, perseguidos por amor não plenamente realizado – a história dos grandes amores é a história dos amores infelizes: o amor profundo é a não possibilidade de plena vivência do amor. Eles foram vitimados pela emasculação criminoso causada a Abelardo e pelo sofrimento de vidas separadamente vividas. Abelardo, *perseguido como herege*, na voz troante de Bernardo de Claraval, *condenado pela Igreja*, é a versão da vítima tornada acusada. A história dos dois amantes é a história dos preconceitos que erigem as normas e perfazem os costumes. Direito e sociedade são imenso precipício cavado de lágrimas, porque neles não há prazer e não há espírito. Eles não têm o mais fácil – *eles não amam*: São Bernardo, São Bernardo, São Bernardo: o grito não é ouvido mais pelos dois amantes - feitos de luzes claras, em leito luminoso, rosa fluorescente, cujo nascedouro não é a terra.

PALAVRAS-CHAVE: Amor. Heresia. Direito Penal. Filosofia.

SUMÁRIO: 1. As folhas mortas do tempo. 2. Os dois amantes. 3. Abelardo, emasculado e culpado. 4. Heloísa, o canto de Cornélia no Medievo e a enunciação de Júlia no Iluminismo. Referências.

* Professora Adjunta da Faculdade de Direito da UFMG. Juíza de Direito do juízo militar da Justiça Militar do Estado de Minas Gerais.

E-mail: marfreida@hotmail.com

** Graduada em Direito pela Faculdade de Direito da UFMG.

E-mail: anaceu2000@yahoo.com.br

“muito bonita de rosto, sem rival pela extensão de sua cultura literária” (Abelardo)

1. As folhas do tempo desdobraram-se nos suaves tons de muitos outonos e nos prenúncios frios de futuros invernos sem amores.

Século XII¹ - Nem a vocação e nem o amor de Heloísa eram dedicados a Deus, mas dedicados a Abelardo - unicamente a Abelardo. O amor malogrado levou-a a dizer “repleta de lágrimas e soluços na voz: ‘Só nos resta, portanto, perder-nos um e outro e sofrer tanto quanto amamos’”²

¹ “A cidade é Paris. O ano, cerca de 1118. Uma escola foi estabelecida na catedral dos francos na ilha no Sena. Há talvez cinco mil estudantes em Paris, centrados aqui. Combinando capacidades de lógica, debates, matemática, filosofia e o estudo da Escritura, os eruditos de Paris estão, com efeito, inventando a universidade moderna. Seu monumento é a catedral que está sendo erguida, a obra-prima de Notre-Dame.

² Preeminente nesta comunidade de gênios é Pedro Abelardo, conhecido em toda a Europa como professor carismático. É ‘um homem belo e simpático, esbelto e não muito alto’.

(...)

‘Assim como o portal oeste de Chartres é a porta através da qual se precisa entrar na arquitetura gótica do século XIII’ - essa é a avaliação do historiador norte-americano Henry Adams - ‘do mesmo modo Abelardo é o portal de aproximação ao pensamento e filosofia gótica dentro de Chartres. Nem a arte nem o pensamento têm um equivalente moderno: só Heloísa, como Isolda, une as épocas. Heloísa é uma jovem brilhante que, aos dezoito anos, tem menos da metade da idade de Abelardo. É sobrinha de Fulberto, o poderoso cônego de Notre Dame. O fato de que o grande Abelardo a fosse tomar como aluna testemunha a preeminência do tio dela, mas também os dons de Heloísa. ‘Era uma dama de aparência incomum’, nos diz Abelardo, ‘e em excelência literária era a primeira’.

Ser professor na posição de Abelardo era ser um clérigo, embora não necessariamente um sacerdote com os votos da ordenação. Ainda assim, é uma grave violação quando Abelardo e Heloísa passam a se amar apaixonadamente. ‘Sob o pretexto do trabalho, nos tornamos inteiramente livres para o amor e o prosseguimento dos estudos dela proporcionou a privacidade secreta que o amor desejava... Havia mais beijos do que ensinamentos; minhas mãos estavam sobre seus seios mais vezes do que pegando os livros... E quanto mais essas delícias eram novas para nós, mais ardentemente as praticávamos.’” Cf. CARREL, James. *A Espada de Constantino*. A Igreja Católica e os Judeus. São

Em Paris, no cemitério Père-Lachaise, os dois amantes foram sepultados. Negada a vida em comum, não lhes foi negado o abraço da morte eterna.³ De Heloísa, de seus restos mortais enleados aos restos mortais de Abelardo - seu amante, marido e mestre - ecoam as palavras: “(...) *Eu sou do meu amado, e seu desejo volta-se para mim.*”⁴

Heloísa é o desejo pulsante. Os tradicionais e antigos ensinamentos de São Jerônimo sobre a mulher assombravam as consciências e avassalavam os espíritos: “*A morte veio-nos por Eva; a vida, por Maria*”⁵. Tomás de Aquino, em tempos futuros, não pensaria diferente – negava às mulheres a existência da pulsão sexual: “(...) não se pode pedir a Tomás que seja Heloísa.”⁶

Em 1930, “(...) um tribunal dos Estados Unidos proibiu a circulação das Cartas de amor a Heloísa, de Abelardo, porque defendia os sentimentos, sempre temidos, e promovia uma respeitável introdução ao sexo entre intelectuais.”⁷

Heloísa é a leitora ávida, conhecedora das Escrituras e do Latim. A tradicional ignorância reservada às mulheres, não lha alcançou. A sua perfeição de rosto e de forma – *se estiveram presentes ao espírito de Abelardo* – eram preteridas à sua inteligência, à sua erudição e à sua notável coragem.⁸ Insubordina-se ante a hegemonia

Paulo: Manole, 2001. p. 306/307.

Ibidem. p. 67.

³ A idéia também está presente em Rubem Alves. Cf. ALVES, Rubem. *Sobre o tempo e a eternidade*. 13ed. Campinas: Papirus, 1995. p. 127.

⁴ *Cântico dos Cânticos*, 7,11. Cf. STADELMANN, L.I. *Cântico dos cânticos*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1998. p. 187.

⁵ Citação de memória.

⁶ ECO, Umberto. *Ensaio sobre a literatura*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p.251.

⁷ BAEZ, Fernando. *História Universal da Destruição de Livros: das tábuas sumérias à Guerra do Iraque*. Tradução de Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 131.

⁸ “Sobre a vida de Heloísa e a sua condição de estudiosa de letras e filosofia, algumas informações foram dadas por Pedro, o Venerável, abade do monastério de Cluny, onde Abelardo se refugiou antes de morrer. O abade assim escreveu:

Eu era adolescente ainda na flor da idade quando o teu nome já era famoso, não pela vida religiosa que em seguida escolheste, mas por teus admiráveis e profundos estudos. Vim a saber que uma mulher se dedicava com todas as

da castidade e da ignorância e ante a submissão contínua da mulher ao homem.⁹ Prefere a situação de amante à de esposa, porque deteria a glória de Abelardo. A humildade não é atributo dos amantes. Agiram em nome próprio e não em nome de Deus. Pecado e *hybris* estiveram presentes na decisão. Heloísa é profundamente humana.

Abelardo é professor. O grande amor e desejo por Heloísa marcarão seu pensamento e sua filosofia:¹⁰ tão indissociáveis a vida do espírito e a vida do corpo. A culpa pelo desejo também assombrará os seus dias. Tocado pela vaidade ou “por um ligeiro ar de exibicionismo”¹¹, serão considerados herege o seu pensamento e,

forças ao estudo das letras e à busca da sabedoria, fato raríssimo, e não se deixava distrair pelos prazeres e alegrias do mundo... tu, com o teu amor pela ciência, superou não apenas todas as mulheres, mas também a maior parte dos homens (PIETRO, o Venerável, apud. ABELARDO, 1997, p. 18).”

Cf. SCHLESENER, Ana Paula. *Abelardo e Heloísa: considerações sobre a situação da mulher na Idade Média*. Disponível em: <http://www.unicentro.br/editora/revistas/analecta/v4n1/artigo%206%20abelardo%20e%20heloisa.pdf>. Data de acesso em: 25 de setembro de 2010.

⁹ “(...) a subordinação da mulher possui uma raiz espiritual, mas também corporal. ‘A mulher é fraca’, observa Hildegarde de Bingen no século XII, ‘ela vê no homem aquilo que pode lhe dar força, assim como a lua recebe sua força do sol. Razão pela qual ela é submetida ao homem e deve sempre estar pronta para servi-lo’. Segunda e secundária, a mulher não é nem o equilíbrio nem a completude do homem. Em um mundo de ordem e de homens necessariamente hierarquizado, ‘o homem está em cima, a mulher embaixo’, escreve Christiane Klapisch-Zuber. O corpus da interpretação dos textos bíblicos dos Padres da Igreja dos séculos IV e V (como Ambrósio, Jerônimo, João Crisóstomo e Agostinho) é incansavelmente retomado e repetido na Idade Média. Assim, a primeira versão da Criação presente na Bíblia é esquecida em proveito da segunda, mais desfavorável à mulher.” Cf. LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma História do Corpo na Idade Média*. Tradução Marcos Flamínio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p.52/53.

¹⁰ Não se reputa inteiramente correta a afirmação – “Há, por certo, o ‘Abelardo sem Heloísa’, filósofo e teólogo”. Cf. ESTÊVÃO, José C. *Sobre Heloísa e Abelardo e sua fortuna crítica*. In: GILSON, Étienne. *Heloísa e Abelardo*. Tradução Henrique Ré. São Paulo: Edusp, 2007. p. 11.

Há um Abelardo antes do encontro com Heloísa, como há uma Heloísa antes do encontro com Abelardo – mas o encontro de ambos tornou-os *Abelardo e Heloísa e Heloísa e Abelardo*.

¹¹ CHESTERTON, G.K. *São Francisco de Assis e São Tomás de Aquino*. Tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Rio de Janeiro: Sinergia: Ediouro, 2009. p. 266.

o implacável Bernardo de Claraval o perseguirá tanto pela diferença de idéias, quanto pelo amor à Heloísa: “ (...) Bernardo era inclemente na defesa da castidade do amor e na aversão a qualquer imiscuição do prazer físico na relação amorosa. Como Orígenes, dera o exemplo de seu próprio sacrifício. Havendo, quando moço sentido uma ereção ao contemplar com emoção uma jovem, mergulhou num poço de água gelada para livrar-se do incômodo e dos maus pensamentos que com ele surgiram, tomando, nessa hora, a decisão de tornar-se monge. Em sua biografia, notam-se episódios que revelam nesse inspirado pregador do amor os extremos de dureza aos quais sua ascese podia conduzir. Para Marvin Pope, o encarniçamento de Bernardo com relação a Abelardo teria sido motivado tanto por suas desavenças teológicas com o filósofo a respeito da teoria agostiniana do pecado original quanto por seu repúdio à aventura amorosa do preceptor de Heloísa. E Pope reproduz de Bernardo trecho da carta por ele dirigida ao papa Inocêncio III na qual equipara Abelardo ‘à raposa que destrói a vinha do Senhor’. Henry Adams cita, do Venerável Peter, abade de Cluny, que abrigou Abelardo contra a fúria dos seus acusadores no Vaticano até o fim dos seus dias, a cruel reprovação que faz de São Bernardo ao escrever-lhe: ‘Vós cumpris todos os mais difíceis deveres religiosos; vós jejuais, vós vigiais, vós sofreis, mas vós não suportais os fáceis – vós não amais’.”¹²

Não é possível amar Bernardo de Claraval, porque nele só havia rigidez e disciplina, deveres e obrigações, admoestações e punições. Mas o espírito inclina-se a Abelardo, porque humano, orgulhoso e profundamente sofrido e, também a Pedro, o Venerável - o Abade de Cluny, que, ao abrigar e ao acolher Abelardo, possibilitou-lhe a morte tranqüila e o conforto do enterro cristão.

*Abelardo nomeia os goliardos.*¹³ Bernardo de Claraval o comparara a Golias, o inimigo da fé. Os goliardos foram o extremo

¹² CAVALCANTI, Geraldo Holanda. *O Cântico dos Cânticos*. Um ensaio de interpretação através de suas traduções. São Paulo: Edusp, 2005. p.55.
Registre-se pequeno equívoco na transcrição – o Papa era Inocêncio II e não Inocêncio III.

¹³ A origem do nome goliardos é duvidosa. “O goliardo diz a mesma coisa que os alegres foliões do Carnaval; se seu riso se revela subversivo, é porque ele

da liberdade e os marginais da sociedade dos séculos XII e XIII: a “(...) origem deste nome ainda não está estabelecida. Já foi atribuída ao fato de eles beberem como gigantes e “costumarem referir-se a si mesmos como discípulos de Golias”. Alguns identificam os goliardos com *gens goliae*, o gigante filisteu do Livro de Samuel, símbolo do demônio. Alguns com Pedro Abelardo (1079-1142), chamado, nos processos que lhe moveu a Igreja, de Golias, inimigo da fé. Os goliardos foram tratados como vagabundos, lascivos, bufões, tachados de boêmios, falsos estudantes, às vezes vistos com ternura, é preciso viver a juventude, outras vezes com temor e desprezo: arruaceiros, transgressores da ordem, não eram eles gente perigosa? Outros, ao contrário, viam neles uma espécie de *intelligentsia* urbana, um grupo revolucionário, aberto a todas as formas de oposição declarada ao feudalismo.

O certo é que a revigoração dos estudos clássicos, ao final da Idade Média, nas escolas das catedrais e nas primeiras universidades foi seguida pela produção de excelentes poesias latinas. Aos professores e estudantes universitários que viviam em viagens contínuas entre as universidades de Bologna, Paris e Oxford juntavam-se os *clerici vagi*, padres sem prebenda, e, nessa vida livre, muitos se perdiam pelas estradas ou na anarquia das grandes cidades. Dos encontros nos caminhos surgem os goliardos, e entre estes seres errantes nasceu uma

se encarna num gênero de vida que propõe uma verdadeira alternativa. O goliardo, vagabundo semidelinquente, pretende reativar e personificar a idéia do Cristo-palhaço, do saltimbanco de Deus, que ri de tudo porque o verdadeiro sagrado está além do sensível, fora do alcance dos gracejos humanos. Maurice Lever escreve a propósito do goliardo: ‘O palhaço recusa-se a viver na realidade presente. Ele pressente aí uma outra. Desafia a lei da seriedade, enche o policial de sarcasmo, ridiculariza os outros atores. Por seu intermédio, nós entrevemos outro mundo que invade este e inverte as regras e os usos.’ É exatamente isso que o torna insuportável. O riso do goliardo é o único riso subversivo da Idade Média clássica, porque não se contenta em zombar: ele vive de maneira diferente e sugere, com isso, que é possível existir outro sistema de valores. O riso da festa dos bobos ou do Carnaval mostra a loucura de um mundo às avessas; o riso do goliardo mostra a loucura do mundo do lado direito. E isso não é mais jogo.” Cf. MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. Tradução Maria Helena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora Unesp, 2003. p. 187/188.

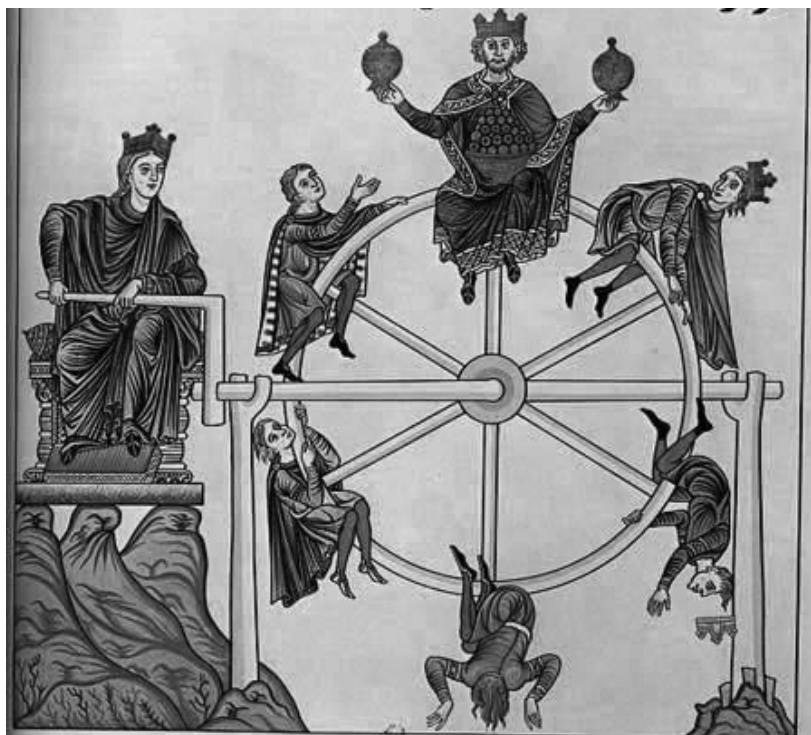
lírca rimada e cantada, cujos versos mordazes e satíricos celebram as belezas naturais, a vida nas viagens, os prazeres da bebida e do jogo, as alegrias do amor, o gozo da liberdade. O caráter errante, *on the road*, destes cancionistas facilitou a difusão de sua poesia. Quase todos permaneceram anônimos. Em 1230, poemas e canções dos goliardos foram reunidas e copiadas na abadia beneditina de Beuern, na Baviera, mas o manuscrito permaneceu oculto, devido a seu caráter licencioso e contestatório, só vindo a público no século XIX, com o nome de “*Carmina Burana*” (Canções de Beuern), o registro mais expressivo da poesia goliárdica.

Segundo Marcuse, os goliardos foram os primeiros artistas autoconscientes, cuja errância e oposição à sociedade eram modeladas e enfrentadas como necessidade artística (KR, p. 13). A dignidade destas vidas é o espírito livre, a negação da ortodoxia religiosa e ideológica.”¹⁴

Todo poema é irrisão social e dotado de profundidade racional. A vida dos goliardos, marcada pela rebeldia, era sentida na transitoriedade da vida, dos prazeres e das dores humanos: a sorte mutável como a lua, a roda da fortuna no giro sem fim, os prazeres do sol e da primavera, os vícios e as virtudes da vida e as amarguras do coração, os jogos, as bebidas e os amores - *quod per sortem/ sternit fortem,/ mecum omnes plangite!*¹⁵ Porque a vida toda é choro, como o Direito também o é. Direito e Política na roda caprichosa da fortuna, faz a todos chorar clamorosamente ou, no recôndito das almas, com o falso sorriso nos lábios. O Direito é cantata retórica.

¹⁴ KANGUSSU, Imaculada. Sobre a alteridade do artista em relação ao mundo que o cerca, segundo Herbert Marcuse. *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 46, n. 112, Dec. 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2005000200017&lng=en&nrm=iso>. access on 26 Sept. 2010. doi: 10.1590/S0100-512X2005000200017.

¹⁵ Fragmentos de *Carmina Burana*.



¹⁶ La Roue de la Fortune. Calque de Miniatures de l' *Hortus Deliciarum* de Herrade de Landsberg. Paris: Bibliothèque Nationale de France (Dept Estampes Ad 144 a) *apud* COSTA, Ricardo da; ZIERER, Adriana. *Boécio e Ramon Llull: a Roda da Fortuna, princípio e fim dos homens*. Disponível em: [www. http://www.ricardocosta.com/pub/boecioellull.htm](http://www.ricardocosta.com/pub/boecioellull.htm). Data de acesso em: 06 de jan de 2011.

De forma profunda, esclarecem os autores:

“A imagem acima contém os quatro estágios simbolizados pelos quatro personagens em torno da Roda:

- 1) *regnabo* (eu devo reinar: figura em cima, do lado esquerdo da Roda, com o braço direito erguido)
- 2) *regno* (eu reino: figura em cima da Roda, freqüentemente coroada, para significar o reinado)
- 3) *reganvi* (eu reinei: figura que está do lado direito da roda, caindo da graça)
- 4) *sum sine regno* (eu não tenho reino: figura na base da roda que perdeu completamente os favores da *Fortuna*. Esta pessoa é as vezes completamente jogada da Roda ou esmagada por esta, sem nenhuma chance de reinar de novo) (STRAYER: 1983, p.145-147).

2. A história dos dois amantes representa o enaltecimento do espírito *goliardo*. Liberdade, negação de ortodoxia religiosa e ideológica, celebração da carne e dos prazeres, profundo e completo diálogo entre duas inteligências, iguais por afinidade e por sentimento.

Vista pelos antigos como deusa do acaso, a *Roda da Fortuna* na Idade Média representava tanto a *Roda da Vida*, que elevava o homem até o alto antes de deixá-lo cair de novo, como a *Roda do Acaso*, que não parava nunca de rodar e indicava a mudança perpétua que caracteriza a natureza humana (BIEDERMANN: 1996, p. 591).

Num mundo inseguro como o da Idade Média, onde os homens viviam em constante perigo, com medo dos vivos e dos mortos, acreditava-se que o destino dos homens, mesmo o dos reis e imperadores, era determinado pela *Fortuna*. Além disso, o ressurgimento da imagem da *Roda* a partir do século XII também se explica pelas condições materiais de então: a figura das três ordens já não refletia a realidade. O dinheiro voltou a ser o nervo do poder, penetrando em todas as relações de sociedade, "...se infiltrando em relações até então baseadas na gratuidade, na amizade, na dedicação e na devoção" (DUBY, 1992, p. 162). Provocou desestabilização, esperança de cada um "ganhar" (palavra que se disseminou ao longo do século XII). A vida transformou-se em aventura, em possibilidades. Em suma, enriquecer passou a ser considerado (DUBY, 1992, p. 163-164).

O termo *Roda da Fortuna* parece ser uma evolução de duas diferentes deusas antigas, provindas da cultura greco-romana, *Fors* ("a que traz", relacionada ao conceito de providência) e *Fortuna* (ligada à fertilidade, à agricultura e às mulheres). Esta última tinha traços similares à *Tyche*, deusa grega associada ao acaso e à sorte.

Em algum momento, a distinção entre *Fors* e *Fortuna* diminuiu com a criação de uma única deusa, *Fors (Fortuna)*, herdando as noções de sorte, destino e acaso de suas predecessoras.

Existiam pelo menos três templos dedicados à deusa *Fors* em Roma e um festival lhe era dedicado em 24 de junho ("Fortuna"). Ela era apresentada freqüentemente segurando uma cornucópia e um timão, sobre uma esfera ou uma roda, e simbolizava seu poder sobre a vida das pessoas que consideravam possuir fortuna se tivessem sorte ou infortúnio (BIEDERMANN: 1996, p. 275-276).

O melhor exemplo desta representação na Idade Média se encontra justamente no período de vida de Ramon Llull (1232-1316), na coleção de canções germânicas profanas denominada *Carmina Burana*, uma coletânea de obras anônimas datada de 1300 e provenientes da abadia bávara de Benedictbeuern. Trata-se de uma estimulante exaltação à natureza em forma de fortes tons primários, que possui uma canção a respeito da *Fortuna*.⁷*Ibidem*.

Etienne Gilson, em sua obra belíssima, traduz o encanto, a suavidade e luxúria dos dois amantes. Seriam também os dois amantes tristes sombras, como Paolo e Francesca?¹⁷ Não se lhes pode atribuir tristeza, embora houvesse muito para causar sofrimento e separação, dor e infelicidade.

Abelardo via-se como culpado, considerava-se responsável pela emasculação – daí a sua ética, porque ele violou as regras de hospitalidade e de educação, seduzindo a sua própria pupila.

Abelardo se achava merecedor? Considerou a emasculação como algo “*divino*”, como a “*justa punição*”? Há registros do remorso de Fulbert? As perguntas perdem-se no vazio e, nos tempos de hoje, *onde todos são vítimas ou perseguidos, onde ninguém é merecedor de pena ou ninguém é vítima de sua própria consciência perseguidora.*, parece ingênuo fazê-las.

Abelardo aceitou as conseqüências da infração ao rígido código de conduta – pois acaso não violara as leis da hospitalidade e, incendiado de paixão, seduzira ou fora seduzido por Heloísa? Hoje, não há quem aceite as conseqüências da infração aos códigos de conduta ou às próprias leis da humanidade. Todos são inocentes. E, em mundo algum ou em era alguma, houve inocentes. Todos atribuem a si próprios a inocência pelas leis dos homens, reconhecendo a sua culpa pelas leis de Deus. Prefere-se a justiça humana à divina. Vive-se a subversão do mundo de Abelardo.

O *goliardo* representa o homem à margem das normas e da sociedade: seu espírito parece alegre, mas faz-se-lhe presente a íntima angústia e a perene voz da consciência. Abelardo via-se como pecador – mas atribuindo-se a falha de toda a condição humana – pôde ser compassivo e misericordioso. A sua filosofia é a da *alteridade* – herege declarado – também os seus escritos foram postos à margem. Por que tudo o que é bom, compassivo e misericordioso não ocupa o centro do discurso religioso ou jurídico? Por que nunca houve bem o suficiente no mundo para compreender-se o amor, a paixão, a sedução e o sexo?

¹⁷ Lembrados por Dante Alighieri, na Divina Comédia.

A pretendida liberdade sexual e amorosa são quimeras em todas as épocas – o sexo e o amor são frutos de intensa normatividade. Nas permissões e nas proibições do sexo e do amor, compreendem-se as pessoas e as sociedades de todas as épocas – são as *maçãs de Sodoma: diz a lenda que são belíssimos frutos, os quais pegos pelos viajantes famintos, convertem-se em pó,*¹⁸ *significando que naquela terra maldita e material: tudo o que é viçoso é podre e tudo é pecado e perdição.*

Não se pode acreditar num Deus punitivo – embora Ele tenha destruído Sodoma e Gomorra por seus pecados da carne – ele há de ter tido compaixão. Quiçá a mulher de Lot não esteja mais convertida em pedra, esquecida nas areias do tempo, mas tenha sido levada ao coração de Deus – como todos os pecadores sempre encontraram guarida em Seu Seio. A pessoa humana deve ser como a *mulher de Lot* – deve olhar para o passado, guardar as memórias e as lembranças dos acontecimentos:

“O que significa a história de Sodoma? Vitória ou derrota? Ou ambas, talvez? Basicamente, Sodoma significa o malogro de uma sociedade e o triunfo de uns poucos indivíduos. De que era culpada a sociedade sodomita? Ela se condenou ao rejeitar, humilhar e oprimir os pobres, os estrangeiros e os refugiados – que, mais que ninguém, precisam de compaixão e generosidade. A história de Sodoma é a história de uma advertência a cada um de nós, em todas as épocas.

A lição? Uma sociedade que violenta a humanidade de seus componentes mais fracos está legando, se não produzindo, o próprio infortúnio, a própria maldição. Sodoma não é apenas um lugar de um tempo antigo; suas chamas percorreram nosso passado recente e devoraram-lhe os edifícios.

Nossa história se reflete na história de Lot. Perguntas referentes a ele também se aplicam a nós. Preciso formulá-las? Por que meus contemporâneos europeus se recusaram a crer que a morte se aproximava? Por que tantas crianças foram vítimas de homicidas? Onde

¹⁸ Citado de memória – falta a lembrança onde foi lido e guardado. As imagens perdem-se no tempo.

estava a justiça divina? Por que um sobreviveu e tantos morreram? Por que minha geração não teve intercessores, se até mesmo Sodoma teve quem intercedesse por ela? Essas perguntas são incômodas e eternas. As respostas? Desconheço-as.

Tudo que sei é que entendo a mulher de Lot melhor que Lot. Pois às vezes é necessário olhar para trás – a fim de não correr o risco de transformar-se em estátua. De pedra? Não: de gelo.”¹⁹

3. Se Abelardo não tivesse sido considerado herege, as linhas histórico-filosóficas do mundo seriam diversas? É visão defendida por James Carroll, porque Abelardo representaria a compreensão de um mundo judaico-cristão – de imensa simpatia com as fraquezas humanas. A cruz não é símbolo das guerras e das perseguições, mas a manifestação material do amor de Deus e da salvação humana. Ela não é a discórdia (e os fundamentalismos do mundo atual tem-na como *arma de guerra*), mas ponte entre o mundo divino e o humano.

Abelardo representa o canto de Davi – *ambos erraram e pecaram* – mas foram amados por Deus. “A obra de Abelardo, diz McCallum, é ‘uma aguda revisão do ponto de vista... [mostrando] que o homem não é culpado por hereditariedade... que há fraquezas humanas, mas estas não são em si pecaminosas’. Os seres humanos em si mesmos não são, por definição, sem esperança.

Assim, para Abelardo, o estado da queda não é um obstáculo para a salvação, mesmo para os pagãos, judeus ou outros ‘infiéis’ – todos os que eram rotineiramente pronunciados como condenado à danação pelos contemporâneos de Abelardo, embora ainda não por algum pronunciamento solene da Igreja. (...)

(...) O mais feroz adversário de Abelardo acaba sendo Bernardo de Claraval: o monge-cruzado que vimos antes, ao advertir a Renânia contra a violência antijudaica. Bernardo é o autor de *Contra os Erros de Abelardo*, um longo tratado que, entre outras coisas, defende a

¹⁹ WIESEL, Elie. *Homens Sábios e Suas Histórias*. Retratos de Mestres da Bíblia, do Talmude e do Hassidismo. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.73/74.

ideia nuclear de Anselmo. Bernardo afirma a necessidade de restaurar a honra de Deus por meio da crucificação, para levar o universo à sua ordem correta. Envia esse tratado ao papa, sendo bem-sucedido na oposição a Abelardo. ‘Bernardo desconfiava, de coração... de Abelardo...’, escreve Karen Armstrong, ‘e jurou silenciá-lo. Acusou Bernardo de ‘tentar reduzir a nada o mérito da fé cristã, pois supõe que, pela razão humana, pode compreender tudo o que Deus é’. E se Abelardo podia, desse modo, compreender Deus, assim o poderiam também os judeus e ‘outros povos e nações’. O que significaria para eles a vinda de Cristo?

‘Seus livros têm asas’, queixou-se Bernardo de Abelardo. ‘Seus escritos passaram de país em país, e de um reino para outro. Um novo evangelho está sendo forjado para os povos e para as nações, uma nova fé está sendo proposta e uma nova fundação está sendo estabelecida ao lado daquela que foi estabelecida’. E, em outro trecho, Bernardo alcançou a profundidade da questão: ‘É um homem que não conhece suas limitações, tornando nula a virtude da cruz pela inteligência de suas palavras’.

Para Abelardo, durante toda a controvérsia, a coisa permanece clara: Deus não é um soberano cruel a ser apaziguado com a morte de seu único filho nascido, mas um pai que mandou esse Filho para revelar seu amor constante – seu amor a todos.”²⁰

Acaso o espírito cruzado da civilização ocidental e os preconceitos diversos teriam vigorado e teriam matado milhares de pessoas se o pensamento tivesse sido outro? Se vitorioso tivesse sido Abelardo? Deus-amor e não Deus-vingança; a cruz como meio de unificação e de misericórdia, desacompanhada do gládio e da sede punitiva.

Abelardo, em “História das Minhas Calamidades”, diz sobre a *chaga do seu corpo* – a ferida que o tornou tão profundamente humano: “Depois que amanheceu, estando a cidade inteira reunida em torno de mim, seria difícil, ou melhor, impossível exprimir o espanto, a estupefação que deles se apoderou, as lamentações a que

²⁰ CARROLL, James. *A espada de Constantino*. A Igreja Católica e os Judeus. São Paulo: Manole, 2001. p.309/311.

se entregaram, os gritos com que me afligiram e o pranto com que me perturbaram. Na verdade, foram principalmente os clérigos e, de modo especial, os meus alunos que me torturaram com os seus intoleráveis lamentos e queixumes, de tal modo que eu me via muito mais incomodado pela sua compaixão do que pelo sofrimento da ferida; sentia mais a vergonha do que a mutilação e era mais atormentado pela infâmia do que pela dor. Ocorria-me o pensamento da grande glória que eu havia pouco desfrutava e de que modo ela fora abatida por um incidente vulgar e vergonhoso, ou melhor, como ela fora completamente destruída e, por justo juízo de Deus, eu fora castigado naquela parte do meu corpo em que eu pecara, e como por uma justa traição aquele que eu antes atraíçoeira me deu o troco por sua vez; como os meus rivais exaltaram uma equidade tão manifesta, e como essa chaga provocaria a desolação de um sofrimento perpétuo em meus parentes e amigos, e com que extensão essa infâmia singular difundir-se-ia pelo mundo inteiro.”²¹

A culpabilização do ofendido, por si próprio e por aqueles que o cercam, não é alheia ao psiquismo humano. Vítimas de atentados morais ou sexuais viram-se, a si próprias, como culpadas. Qual o mundo onde o criminoso ousa mostrar o seu rosto? Fulbert não se demonstra arrependido, a história o esqueceu por seu passado lamentável. Mas a história esquece – *como o Direito também o faz* - os ofendidos e as vítimas. Os casos penais notabilizam-se pelo nome do acusado, pelo local da tragédia ou pelo binômio acusado-vítima. Quando a vítima é lembrada, ela o é porque parcela da culpa do crime ou do pecado ser-lhe-á atribuída, nos anais da história ou da jurisprudência.

4. A vida de Heloísa ecoa na História, como o canto de Cornélia Semprônia. Mulher que muito amou e muito sofreu e dotada de virtude – *coragem e honra*. Raras são as mulheres virtuosas. Virtuosas pela palavra e pela retidão – por inteligência e por profunda dedicação aos seus ideais. A interpretação não se restringe ao corpo – à suposta

²¹ Santo Anselmo de Cantuária e Pedro Abelardo. *Os Pensadores*. Traduções de Angelo Ricci, Ruy Afonso da Costa Nunes. São Paulo: Victor Civita, 1984. p. 269/270.

pureza de corpo disciplinada para garantir a certeza da paternidade e para desvelar o mistério da concepção.

Cornélia, filha do Cipão Africano e de Tércia Hemília, mãe dos irmãos Graco, que governaram Roma por magistraturas subseqüentes. Estudos revelam que Córnelia era uma mãe dedicada à criação e educação dos filhos. À ela, como mãe, é atribuída a seguinte história: *diz-se que uma mulher de elevada classe da Campânia estava na casa de Cornélia, vangloriando-se de suas jóias e dizendo serem as mais belas que existiam. Cornélia a ouviu até que seus filhos regressassem das lições, então disse à mulher: “estas são minhas jóias.”*²²

Cornélia, tendo perdido o marido e a maioria de seus filhos, permaneceu fiel à memória do marido, recusando-se a casar com o rei Ptolomeu VIII, para manter os interesses políticos da sociedade romana. Sem a presença do marido, cuidava de sua família sozinha.

A distância milenar entre Cornélia e Heloísa revela a proximidade incomum de espíritos. As mulheres são feitas da mesma argila, quando nelas habita a verdade indômita de sua bravura, sem o cerceio das convenções.

Cornélia pertencia à República. Naqueles tempos, já se observam nos registros históricos a subvalorização do papel da mulher na cultura romana. Às mulheres, lembradas na morte como esposas ou mães, era proibido desempenhar atividades ligadas aos cargos públicos, como o senado e os tribunais. O arqueólogo Funari, professor na Universidade de Campinas, relativiza o patriarcalismo da época referenciando inclusive outros estudados:

“A ênfase que Wiedemann depositou no caráter militar, punitivo e cruento da arena, como definidor de uma identidade romana conformista e respeitosa da *dura lex* (dura lei), masculina, talvez deixe pouco espaço para a diversidade de identidades romanas, pois nem mesmo a supremacia e exclusividade de mando patriarcal podem ser aceitas como absolutas e incontestes. Lisa Savunen (1995) estudou as inscrições eleitorais femininas de Pompéia, contabilizando 54 mulheres que apoiaram 28

²² SOUZA, Alice M. de. Do silêncio das mulheres à voz de Cornélia Semprônia. Revista História e-história. Disponível em: <http://www.historiahistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=80>. Publicado em 06 de agosto de 2007. Acesso em 09/02/2011.

candidatos diferentes; neste contexto, seria possível supor que havia uma única identidade romana, capaz de englobar homens e mulheres, ricos e pobres, livres e escravos, cidadãos e *agrestes*? Parece preferível supor que diferentes concepções, às vezes contraditórias, mas sempre em contato, conviviam, produzindo uma profusão de imagens da própria condição, individual e grupal.²³

A Política e o Direito manifestam-se no espaço público – mas elas são gestadas no interior dos lares e no silêncio oculto daquelas mulheres cujas vozes foram ocultadas pelos *registros históricos*.

Ilustram os Stegemann em sua obra sobre o protocristianismo: “A influência política de mulheres, sobretudo de famílias da elite, recebe comentários extremamente críticos na literatura antiga e, em geral, é descrita com exagero. Precisamente nas famílias de liderança da sociedade romana cresceu bastante a influência de mulheres também na política. Por isso, não é por acaso que muitas mulheres de césores romanos e de líderes da aristocracia imperial se caracterizassem, ao mesmo tempo, por uma vida devassa e pela sua grande influência política, ou seja, justamente a incursão de mulheres da elite no domínio masculino da política parecer ter provocado de forma especial a crítica severa a seu modo de vida em geral. Algumas dessas mulheres chegaram a ter uma importância proverbial, isto é, por causa de sua ingerência em questões políticas, em parte também por causa de sua participação em conjurações ou guerras civis, ela se tornaram exemplos de mulheres “masculinas”. Assim, por exemplo, Semprônia, que teria cometido, no contexto da conjuração catilinária, “muita atrocidade de ousadia masculina”, segundo formulação de Salústio. Famosa e famigerada foi igualmente Fúlvia, uma das esposas de Marco Antônio, de quem se dizia que o seu corpo era a única coisa feminina nela. Também à mães se atribui grande influência sobre os seus filhos politicamente ativos – por exemplo, Servília, a mãe de Bruto, o assassino de César.”²⁴

²³ FUNARI, Pedro Paulo A. *A vida quotidiana na Roma Antiga*. São Paulo: Annablume: 2003. p. 47/48.

²⁴ STEGEMANN, Ekkehard W. e STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo*. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Paulus, 2004. p. 409.

Cornélia encontrava a sua voz nas bocas dos seus filhos. Mulher silente, como muitas o foram. Há registros historiográficos de que seu nome fora usado por seu filho, Caio Graco, para obter projeção na disputa ao Tribunato da Plebe. Caio Graco, após a morte de seu irmão Tibério, torna pública uma carta que sua mãe teria lhe escrito, repleta de conselhos para vida pública. Neste documento, Cornélia demonstra um civismo incomum quando coloca o Estado acima da própria vingança da morte de Tibério. Pede ao filho que espere a sua morte para então concorrer ao Tribunato. As leis populares de caráter agrário permitiram aos irmãos Graco ganhar simpatia da plebe, mas desagradaram muitos poderosos - mais um dos filhos de Cornélia foi morto. Filhos mortos por sonhos, fortalecidos pela alma e espírito da mãe.

Heloísa não morre por amor, mas vive por seu amor malgrado e realizado. Astrolábio, seu filho, lhe importa muito – mas importa-lhe mais Abelardo, por ele queima e, ao contrário dele, não se arrepende nem pelo sexo, nem pelo amor. Tão contrária às mulheres do Medievo, tempos nos quais: “Os herdeiros mulheres tinham que obter o consentimento do senhor para casar. Em 1221, a Condessa de Nevers assim reconheceu esse fato: ‘Eu Matilda, Condessa de Nevers, dou a conhecer a todos quantos vejam esta carta que jurei sobre o sagrado Evangelho a meu senhor mais querido, Philip, pela graça de Deus o ilustre rei da França, que lhe prestarei serviços bons e fiéis contra todos os homens e mulheres vivos, e que não casarei senão por sua vontade e graça.’”

Se uma viúva desejava casar-se outra vez, deveria ser paga uma multa a seu senhor, segundo constatamos deste registro inglês datado de 1316, referente à viúva de um arrendatário: ‘O rei a todos que etc. saudação. Sabei que, por uma multa de 100 xelins que... nos foi paga por Joan, ex-mulher de Simon Darches, falecido, a quem concedêramos a honra das terras de Wallingford, damos a licença à mesma Joan, para casar-se com quem deseje, deste que nos esteja sujeito(...)’.”²⁵

²⁵ HUBERMAN, Leo. *História da Riqueza do Homem*. Trad. Waltensir Dutra.

Desafiadora das convenções, seu amor faz-se notável e notório, essencialmente nas cartas endereçadas a Abelardo:

“Na verdade, só tu és capaz de me entristecer e de me alegrar ou consolar. E, somente tu, isto muito me deves. Sobretudo, agora que fiz tudo o que me mandaste fazer e, de tal modo, que não sendo capaz de te ofender em coisa alguma, eu tive coragem, por ordem tua, de perder-me a mim mesma. E o que é ainda maior e mais digno de admiração, o meu amor tornou-se tão insensato que, sem nenhuma esperança de recuperação, desfez-se daquilo que era seu único desejo, quando, por determinação tua imediatamente mudei não só de habito, mas também de opinião, para mostrar que somente tu és o único dono tanto de meu corpo quanto de minha alma.”²⁶

Não lhe agradavam o casamento ou a reparação, mas queria o amor e queria a Abelardo por ele próprio e tão somente por ele.

“Jamais (Deus o sabe) procurei, em ti senão a ti mesmo. Somente a ti desejei, não as tuas coisas. Nada esperei do contrato matrimonial, nem vantagens de qualquer espécie nem tampouco procurei (como sabes) fazer meu desejos nem minhas vontades, mas os teus. E, mesmo que o nome de esposa parecesse mais santo e mais valiosos, foi para mim sempre mais doce o de amante, ou, se ao te indignares, o de concubina ou de mulher da vida, para que quanto mais por tua causa me humilhasse, maior favor obtivesse junto de ti e, desse modo, também menos ofendesse a glória de tua grandeza. Tu mesmo não te esqueceste disso completamente, naquela carta (à qual antes me referi), escrita para a consolação de um amigo, e te dignaste expor algumas das razões pelas quais eu me esforcei para dissuadir-te do nosso casamento e das nossas infelizes núpcias. No entanto, silenciaste muitas razões, pelas quais proferira o amor ao casamento e a liberdade ao vínculo conjugal.”²⁷

O amor de Heloísa e a sua independência manifestam-se na recusa ao casamento. Sua opinião, entretanto, não foi considerada, o

Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1974, p. 21.

²⁶ *Ibidem.* p. 183.

²⁷ *Ibidem.* p. 185.

que expressa a força com que se impunha o silêncio às mulheres. O casamento fora então consumado em segredo, a pedido de Abelardo. A vingança de Fulbert não se faria por esperar – a mutilação aguardava Abelardo.

A suave fala e a terna resistência mostram e demonstram ser Heloísa inspiradora de novos romances e novas lutas, como *Júlia ou a A Nova Heloísa*, de Jean-Jacques Rousseau, cujas epístolas representam o nascimento dos direitos humanos no século XVIII. Heloísa é e torna-se pessoa por ela própria – não se realiza por meio do homem – não é sombra, não é espelho, não é reflexo. Muitos séculos depois, Heloísa é exemplo de mulher e forma de heroína a ser louvada e seguida. O nascimento dos direitos humanos vincula-se à compaixão e à identificação com as personagens femininas. O atributo de virilidade desperta poder e violência – mas não o respeito ao “*ser pessoa*”, fundamento de todos os direitos humanos.

Lynn Hunt, a quem a originalidade da idéia deve ser atribuída, diz: “Embora seja digno de nota que o *Contrato Social*, de Rousseau, faça um uso antecipado do termo *droits de l’homme*, seu best-seller *Julie or The New Heloise* pode, ao menos, ter sido tão influente para o desenvolvimento dos direitos humanos, quanto o seu freqüentemente mal entendido tratado político. Os efeitos psicológicos das narrativas sobre as mulheres e suas buscas por amor pode explicar, melhor que qualquer outro aspecto isolado, a capacidade dos direitos humanos para pegar, para fazer sentido na linguagem comum, para ter uma extensa ressonância emocional entre os integrantes das classes educadas.”²⁸

(...) “(...) Quando se lê um romance epistolar - romances que se baseiam na troca de cartas, e que atingiram o auge de sua popularidade na segunda metade do século XVIII - um leitor se identifica com uma pessoa comum, que ele não conhece pessoalmente, mas com quem

²⁸ HUNT, Lynn. O romance e as origens dos Direitos Humanos: interseções entre história, psicologia e literatura. *Varia hist.*, Belo Horizonte, v. 21, n. 34, July 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752005000200002&lng=en&nrm=iso>. access on 09 June 2011. doi: 10.1590/S0104-87752005000200002.

estabelece uma empatia. Deste modo, por meio de trabalhos com esta forma narrativa, o romance epistolar disseminou uma nova psicologia, e, conseqüentemente, uma nova ordem política e social. Eles tornaram uma criada, como Pamela, a heroína do romance homônimo de Richardson, igual, e até mesmo melhor, que um homem rico, como Mr. B. O romance epistolar argumentava que todos os indivíduos seriam fundamentalmente similares, porque seus processos psíquicos internos seriam similares; e isso demonstrou de forma dramática que os seres se faziam por meio de processos psíquicos internos, ou seja, que eles eram profundos. Ler os romances arrastava o leitor para dentro destes processos psíquicos, e criava um sentimento de igualdade e empatia, por meio do envolvimento apaixonado com a narrativa. Seria mera coincidência que três dos melhores romances de identificação psicológica do século XVIII, todos sob a forma epistolar, - *Pamela* (1740), de Richardson; *Clarissa* (1748); e *Julie*, de Rousseau (1761) - tivessem sido publicados no período imediatamente precedente ao surgimento do conceito de “direitos humanos”?”²⁹

Se, no *Iluminismo*, os romances epistolares estabelecem pela identificação a trajetória da evolução dos direitos humanos – as cartas entre Heloísa e Abelardo, ditadas no mundo silencioso e colorido do medievo, foram *re-descobertas* e *re-lidas* pela Filosofia e pela Literatura, não o poderiam ser pelas letras jurídicas? *Abelardo* representa *alteridade e culpa, arrependimento e marginalidade*: tem os atributos do panegírico da teoria do Direito em geral e, especificamente, do *Direito Penal ao avesso ou do Direito Penal “sum sine regno”*: ele é o eterno sofredor considerado culpado. Heloísa representa ardor e paixão, comoção e sentimento, mas tem sido relegada como a sombra de Abelardo, pálido e cego reflexo, fonte inspiradora de todos os direitos ditos humanos: tem os atributos do panegírico da teoria da Justiça – mas não é possível lhe ver o rosto – os olhos humanos estiveram, estão e estarão vendados. *Onde está a sua face adorável?*

²⁹ *Ibidem.*

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *Sobre o tempo e a eternidade*. 13ed. Campinas: Papirus, 1995.

BAEZ, Fernando. *História Universal da Destruição de Livros: das tábuas sumérias à Guerra do Iraque*. Tradução de Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

CARREL, James. *A Espada de Constantino. A Igreja Católica e os Judeus*. São Paulo: Manole, 2001.

CAVALCANTI, Geraldo Holanda. *O Cântico dos Cânticos*. Um ensaio de interpretação através de suas traduções. São Paulo: Edusp, 2005.

CHESTERTON, G.K. *São Francisco de Assis e São Tomás de Aquino*. Tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Rio de Janeiro: Sinergia: Ediouro, 2009.

COSTA, Ricardo da; ZIERER, Adriana. *Boécio e Ramon Llull: a Roda da Fortuna, princípio e fim dos homens*. Disponível em: [www. http://www.ricardocosta.com/pub/boecioellull.htm](http://www.ricardocosta.com/pub/boecioellull.htm). Data de acesso em: 06 de jan de 2011

ECO, Umberto. *Ensaio sobre a literatura*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo A. *A vida quotidiana na Roma Antiga*. São Paulo: Annablume: 2003.

GILSON, Étienne. *Heloísa e Abelardo*. Tradução Henrique Ré. São Paulo: Edusp, 2007.

HUBERMAN, Leo. *História da Riqueza do Homem*. Trad. Waltensir Dutra. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1974.

HUNT, Lynn. O romance e as origens dos Direitos Humanos: interseções entre história, psicologia e literatura. **Varia hist.**, Belo Horizonte, v. 21, n. 34, July 2005 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752005000200002&lng=en&nrm=iso>. access on

09 June 2011. doi: 10.1590/S0104-87752005000200002.

KANGUSSU, Imaculada. Sobre a alteridade do artista em relação ao mundo que o cerca, segundo Herbert Marcuse. *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 46, n. 112, Dec. 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2005000200017&lng=en&nrm=iso>. access on 26 Sept. 2010. doi: 10.1590/S0100-512X2005000200017.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. Tradução Maria Helena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

Santo Anselmo de Cantuária e Pedro Abelardo. *Os Pensadores*. Traduções de Angelo Ricci, Ruy Afonso da Costa Nunes. São Paulo: Victor Civita, 1984.

SCHLESENER, Ana Paula. Abelardo e Heloísa: considerações sobre a situação da mulher na Idade Média. Disponível em: <http://www.unicentro.br/editora/revistas/analecta/v4n1/artigo%20abelardo%20e%20heloisa.pdf>. Data de acesso em: 25 de setembro de 2010.

SOUZA, Alice M. de. *Do silêncio das mulheres à voz de Cornélia Semprônia*. Revista História e-história. Disponível em: <http://www.historiahistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=80>. Publicado em 06 de agosto de 2007. Acesso em 09/02/2011.

STADELMANN, L.I. *Cântico dos cânticos*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1998.

STEGEMANN, Ekkehard W. e STEGEMANN, Wolfgang. História social do protocristianismo. Trad. Nélcio Schneider. São Paulo: Paulus, 2004.

WIESEL, Elie. *Homens Sábios e Suas Histórias*. Retratos de Mestres da Bíblia, do Talmude e do Hassidismo. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Recebido em 10/06/2011 – Aprovado em 23/08/2011